

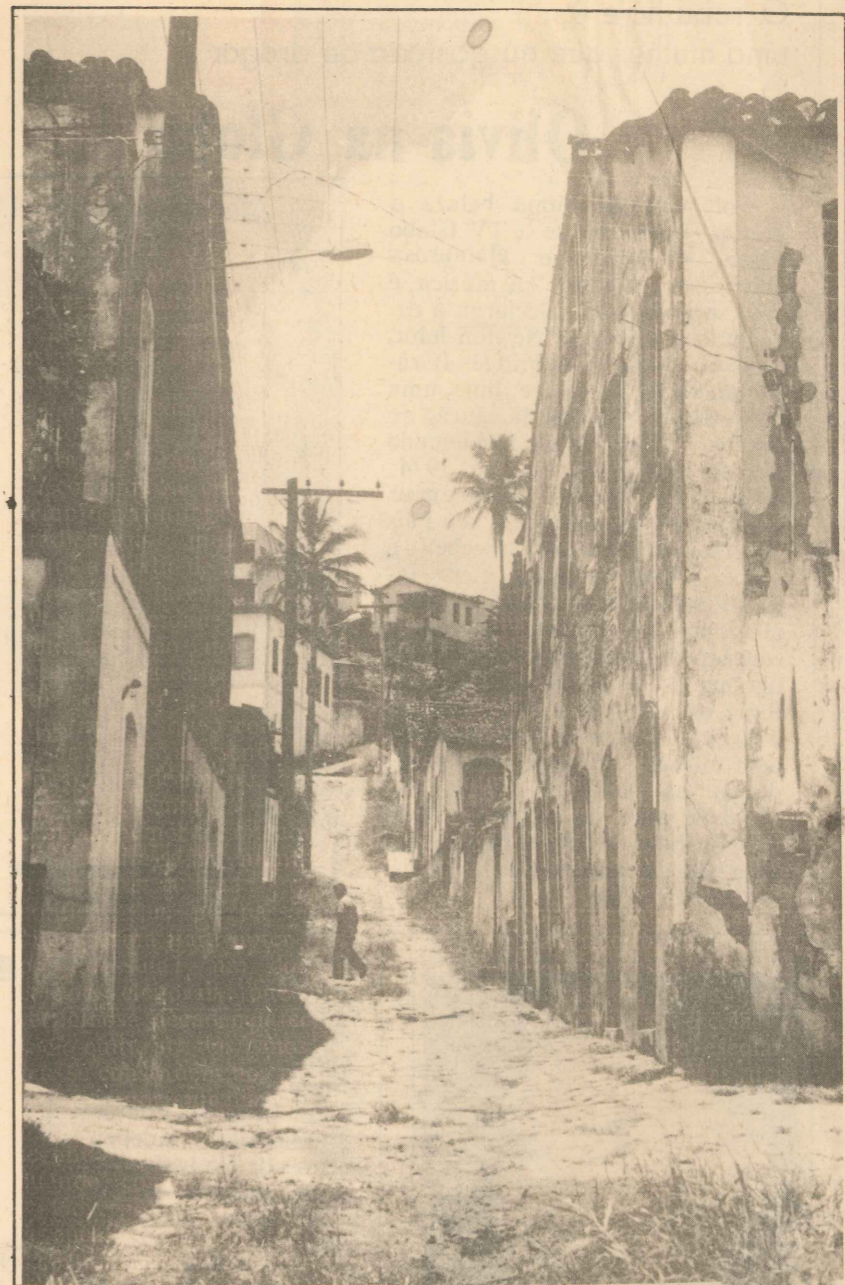
A109934
SÃO MATEUS

Ao comemorar seu aniversário, a cidade discute a sua decadência

Depois de ser a mais importante cidade do Espírito Santo no século passado e financiar aberturas de ruas e construções de edifícios públicos em Vitória. Possuir o maior comércio marítimo de farinha de mandioca e madeira de lei do País, além de duas linhas de avião ligando-a a Salvador e ao Rio de Janeiro. Contar com seis clubes sociais e uma Estrada de Ferro para a exploração do café e da pimenta-do-reino, da qual detinha a nossa maior produção. Estar inserida na História do Brasil com o episódio da morte de Fernão de Sá, filho de Mem de Sá,



São Mateus em 1886: A mais importante cidade capixaba



A ladeira do Porto de São Mateus, um dos locais mais importantes da cidade, hoje em ruínas

Mateus a Vitória. Outros temendo o mesmo fim da Estrada de Ferro que acabava de ser desmontada preferiram ficar no Porto à espera de um navio perdido que chegasse para comprar farinha de mandioca, último produto que São Mateus produziu.

Neste período, surgiram os célebres cabarés nas antigas residências abandonadas pelas famílias tradicionais e grandes comércios. Por quase meio século as prostitutas conservaram o Sítio

mercados vendendo produtos industrializados, e o maior produtor de farinha de mandioca passava, agora, a comprar o produto que o fez temido e respeitado, industrializado em outras cidades.

Hoje São Mateus comemora o ponto mais vertical de sua história, o que não é visto com bons olhos pelos mateenses que através do Rotary Club e outras entidades interessadas vão, logo após as festividades, questionar os motivos

Evangelista e denominando, oficialmente, aquele sítio como abolicionistas e nas matas frondosas do Floresta Atlântica e

de Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, transformada em poema pelo padre José de Anchieta. Contribuir com quatro governadores para o Espírito Santo, além de inúmeros políticos de grande representatividade. A secular cidade de São Mateus foi denominada "terra do já teve". Sua população, tão apegada às tradições remanescentes dos antepassados, atribui essa decadência à falta de percepção cultural dos seus últimos prefeitos, aliás, este ano, refletida na própria programação da festa da cidade, que traz como principais atrações: gincanas, grito de carnaval, torneio de damas e dominós, corrida de bicicleta, além da lamentável e deprimente contratação do jogador Garrincha, que esta semana saiu do hospital, e outros velhos ídolos do futebol brasileiro, pelo cachê de cinco mil cruzeiros para cada um, por duas partidas contra a equipe da Prefeitura Municipal

**Texto de
Maciel Di Aguiar
Correspondente de
A TRIBUNA em São Mateus**

A longa história de São Mateus começou em 1544 com o navio Olinda e uma tripulação de portugueses que fugiam dos constantes ataques indígenas à sede da Capitania do Espírito Santo. Subindo pelo rio Cricaré, encantados pela beleza do vale e a fertilidade da terra, aportaram em sua margem, na encosta do planalto. Mas as terras pertenciam aos Aymorés que reclamaram seus domínios, também em frequentes ataques. Anos mais tarde, Mem de Sá, III Governador Geral do Brasil, mandou seu filho, Fernão de Sá, de vinte anos de idade, e cerca de duzentos homens, à Aldeia do Cricaré para defender a pequena população de portugueses. O jovem soberano ao entrar pelo caudaloso e sonolento rio, na altura do Mariricú, seu afluente, atacou os indígenas em duas arremetidas, mas, na terceira, abandonado pelos companheiros, morreu com uma flechada no pescoço. O governador enviou comovente carta a Lisboa: "... dou graças a Deus por acabar Fernão, nessa jornada, em serviço de Vossa Alteza". Mas os sentimentos de pai levaram-no a capitanear uma esquadra com dois mil homens para desferir a "matança dos Aymorés" na primeira vitória de Mem de Sá em terras brasileiras, descrita depois por padre José de Anchieta num poema épico que ressalva a bravura de Fernão, e a resistência dos índios por sua terra.

Com os anos, trazido pela Companhia de Jesus e pelo episódio que cantara, Anchieta chegou à Aldeia do Cricaré num 21 de setembro de 1583, celebrando com missa solene o Dia do

Evangelista e denominando, oficialmente, aquele sítio como Aldeia de São Mateus.

A fama da riqueza e prosperidade da terra chegou à velha Europa, e com as inúmeras famílias chegavam artistas, nobres e arquitetos para edificar os velhos sobrados de antanho, com suas paredes de estuque de amarrar, que se apinhavam pelas ruas de água a correr no meio e becos apertados, fazendo com que a Coroa mandasse implantar o "Subsídio Literário", um dos pioneiros da história do Brasil.

Em consequência disso, a Aldeia de São Mateus passou a interessar aos maiores comerciantes portugueses. Tal fato fez com que Thomé Couseiro de Abreu, ouvidor da Capitania de Porto Seguro, num gesto aventureiro e de reconhecimento, invadisse os limites com a Capitania do Espírito Santo, para elevar, no 15 de setembro de 1764, a Aldeia de São Mateus à categoria de Vila, baseando-se na Carta Régia, de 14 de abril de 1755, pela qual o capitão do Pará, Francisco José de Mendonça instalou a Capitania São José do Rio Negro. Este gesto deixou em pânico a Capitania do Espírito Santo e sobretudo a Vila de Vitória que até então vivia usufruindo dos proventos vindos de São Mateus. Por 45 anos a Bahia dominou a mais próspera Vila desde o Rio de Janeiro a Salvador; foi quando São Mateus absorveu as crenças populares, a medicina empírica, mágica e religiosa, os hábitos e os costumes do povo baiano, espalhando seus quiosques e tabuleiros sortidos de doces e iguarias pelo Largo do Chafariz. Nos porões dos sobrados coloniais surgiam os terreiros de Candomblé, escolas de capoeira da Angola, os movimentos

abolicionistas e nas matas frondosas da Floresta Atlântica a milenar Cabula arrebatava centenas de adeptos para seus cultos de magia negra vindos da África de Zambi.

Em 1800, a população de Vila Velha, com a Capitania do Espírito Santo em ruínas, exigiu que São Mateus voltasse a pertencer aos seus antigos domínios. Nesta época, a antiga Aldeia à margem do Cricaré vivia sua fase mais importante do primeiro Ciclo da Farinha, aparecendo, em decorrência dessa força econômica, o baronato com os barões dos Aymorés e Timbohy. Até que José Bonifácio, num 10 de agosto de 1823, baixou aviso reconhecendo o território como espírito-santense e num cerimonial às escondidas, no topo da Ladeira da Escadinha, criava a primeira Loja Maçônica do Espírito Santo.

Quando a província capixaba foi dividida em duas comarcas, Vitória e São Mateus, num 2 de abril de 1832, como prova da sua importância, o juiz Dr. Manoel Joaquim de Sá e Matos, Fidalgo da Casa Imperial e Cavaleiro da Ordem do Cristo, solicitou ao Imperador que fosse designado para São Mateus "por ser mais próspera que Vitória e ter um nível cultural mais elevado". Há 3 de abril de 1848 foi São Mateus elevada à categoria de cidade, desfrutando do maior prestígio político que se registrou na história do Espírito Santo.

Dentro do ciclo de sua evolução, o seu Porto evoluiu na mesma proporção que o seu povo e prosseguiu com seus sobrados de porão, sótão e pátio interno, mirantes e escadarias, retábulos trabalhados a dedos de mestres e as harmoniosas telhas-canal cobrindo as biqueiras de bronze e as fachadas trabalhadas com a precisão do arquiteto, além das varandas com seus gradios de ferro desenhados.

No início do século XX, São Mateus começou a sofrer suas primeiras crises, mas logo foram abafadas pelo ciclo da madeira de lei, quando as espécies raras da Floresta Atlântica começaram a ser exportadas e novamente o Porto passou a desfrutar do antigo prestígio econômico-sócio-cultural do século passado. Mas os anos trinta esgotaram com as possibilidades de sua evolução, pois a Floresta já demonstrava visíveis sinais de extinção tendo início a decadência da velha cidade.

As primeiras tentativas para bloquear essa fase foram feitas pelos grandes comerciantes situados no Porto, mudando seus negócios para a Cidade Alta, quando também surgia a possibilidade da abertura de uma estrada de rodagem ligando São

residências abandonadas pelas famílias tradicionais e grandes negócios. Por quase meio século as prostitutas conservaram o Sítio Histórico do Porto, enquanto a sociedade acreditava numa nova cidade que surgia com a abertura da estrada, aparecendo os primeiros veículos transportando cargas e passageiros numa viagem mais segura e produtiva que os velhos navios que corriam os riscos das tempestades e dos naufrágios.

Nos anos sessenta, São Mateus estava reduzida ao seu velho Porto, entregue às prostitutas e à esperança com a exploração do petróleo pela Petrobrás. Outras tentativas foram feitas para salvar a economia da cidade, mas foram sempre infrutíferas pois as famílias tradicionais mudavam-se para Vitória ou Rio de Janeiro, fechando comércio, fazendas e clubes. Em 1968 a cidade recebeu uma administração municipal que iria mudar a sua velha fisionomia, mas foi só isso, pois no Porto as prostitutas que conservavam o casario, estavam sendo despejadas por ordem de um juiz que também lavrava a sentença de morte da própria memória capixaba.

Acredita-se, no entanto, que foi justamente a sua divergência política, que no passado era a maior arma para obter recursos, pois possuía um dos maiores colégios eleitorais, que a levou a vertiginosa decadência econômico-sócio-cultural dos anos setenta, que se constituem nos piores anos de sua importante história.

Mas o pior mesmo ficou para a segunda metade desta década quando, com a devida anuência do Governo do Estado, as empresas de eucaliptos compraram, à base da extorsão, todas as terras agricultáveis do Município, deixando-o sem condições para, ao menos, produzir o mínimo necessário ao consumo local. Em decorrência desse processo surgiram os grandes super-

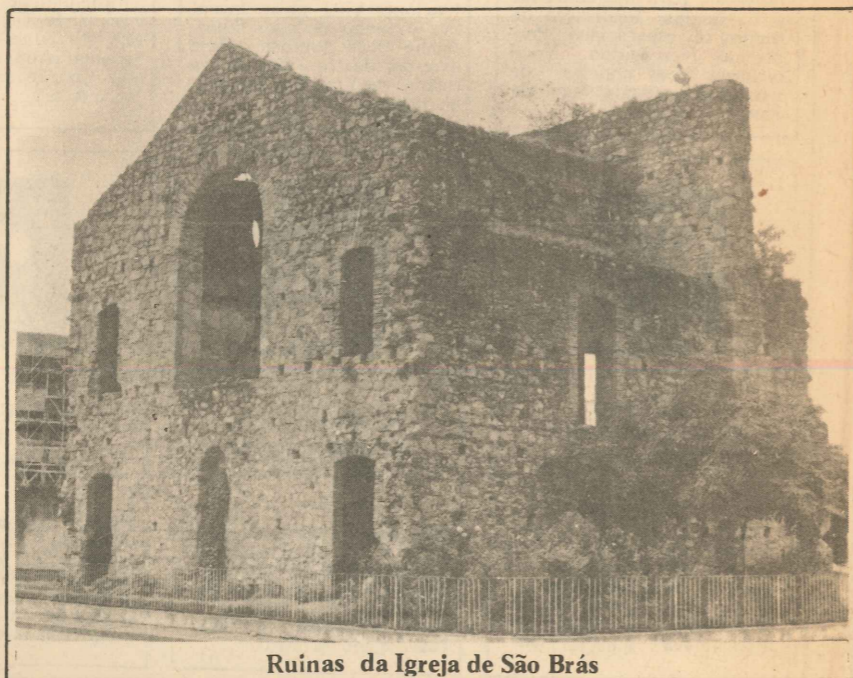
oimões mateenses que através do Rotary Club e outras entidades interessadas vão, logo após as festividades, questionar os motivos que estão ocasionando essa queda. Na oportunidade deverá ser também discutido com Amaro Covre, prefeito de Boa Esperança, Município que já foi Distrito de São Mateus, uma solução para a sua agricultura.

Quem chegar para as festividades esperando ver o rico folclore mateense da Marujada, que tradicionalmente se apresenta nesta época, irá se decepcionar mais ainda porque os seus componentes afirmaram que, como o folguedo não foi incluído pela Prefeitura na programação da festa, oficiosamente em sinal de protesto, também não se apresentarão.

Já o Parque de Exposição Agropecuária, onde vinham se realizando outras festas, não recebeu os cuidados necessários e as firmas comerciais que anteriormente colocavam seus produtos à exposição e venda, não estão participando, pois, segundo afirmaram, a Emespe, órgão que administra o Parque, está cobrando duzentos cruzeiros o metro quadrado de terreno.

Com a falta de imaginação e sobretudo de valorizar as coisas da terra, a Prefeitura Municipal vem anunciando a festa com os cartazes do ano passado, além de não contribuir com as escolas para o tradicional desfile escolar e as decorações das próprias ruas.

Por este estado de coisas, parece que São Mateus vai mesmo comemorar a sua própria decadência mas que seu povo insatisfeito promete lutar para que isso não se repita pois há uma esperança nas mãos do seu futuro prefeito, que sucederá o atual em janeiro de 81, o que deixa a cidade na expectativa de reviver, senão os melhores dias, mas ao menos dias mais condizentes com sua tradição e história.



Ruínas da Igreja de São Brás



A Marujada foi excluída da festa